

CRESCEM OS INVESTIMENTOS NO SETOR DE ENTRETENIMENTO

No Brasil e no mundo, aumenta o interesse dos consumidores por espetáculos teatrais, filmes, esportes e parques de diversão - e dos investidores

POR THEO CARNIER*

Os teatros estão cheios - há filas de espera para assistir a espetáculos antes inacessíveis aos espectadores brasileiros, como *A Noviça Rebelde*, *Miss Saigon*, *A Bela e a Fera* e *O Fantasma da Ópera*. Públicos enormes vistos, até agora, apenas nos grandes shows de música popular e clássica ou em estádios de futebol aparecem no teatro: no primeiro semestre, segundo produtores, mais de meio milhão de pessoas, em São Paulo e no Rio de Janeiro, foram ver peças que antes só eram exibidas no Exterior. "Existe demanda crescente por esse tipo de atração", diz o professor Marcos Cobra, doutor em Administração pela Fundação Getúlio

Vargas (FGV) e autor do livro *Marketing e Entretenimento*. Há um contingente de pessoas dispostas a pagar para ver musicais nos teatros: "O brasileiro, quando vai a Nova Iorque, faz questão de assistir a pelo menos um espetáculo da Broadway. Agora, com essas peças montadas aqui no Brasil, a demanda explodiu e os investidores já perceberam o potencial de ganho trazido por essas peças teatrais".

O crescimento da demanda por espetáculos teatrais é uma das faces mais visíveis da corrida ao entretenimento, um conjunto de atividades que movimenta, anualmente, cerca de R\$25 bilhões no Brasil, conforme

cálculos citados pelo professor José Pastore, da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisa da Latin Panel mostrou que o gasto médio domiciliar com lazer no Brasil é de R\$983,00 por ano e, do total, 17% se destinam a atividades relacionadas à cultura - shows, teatro, cinema e museus. O levantamento da Latin Panel, feito em 2008 a pedido da Associação das Empresas de Parques de Diversão (Adibra), mostra que a partir de 2007 - um ano favorável à economia -, os brasileiros passaram a despender mais recursos em lazer. Entre 2006 e 2007, aumentou 7% a fatia do orçamento familiar dedicada ao entretenimento,

"Essa área (entretenimento) ganha força como atividade econômica, se diversifica e com isso atrai cada vez mais os investidores"

MARCOS COBRA

enquanto cresce 8% a destinada aos gastos com saúde.

O setor de entretenimento acompanha assim, no Brasil, o avanço exponencial registrado em todo o mundo. Nos últimos cinco anos, segundo estudo da consultoria PricewaterhouseCoopers, o segmento cresceu à taxa média de 6,6% - em 2010, deverá movimentar US\$1,8 trilhão. Na América Latina, os gastos com lazer projetados para 2009 ascendem a US\$69 bilhões. E o Brasil é o mercado com maior potencial de desenvolvimento.

Atraídos pelo crescimento do setor, investidores ampliam a presença no entretenimento. É o caso da Gávea Investimentos, capitaneada por Arminio Fraga Neto, ex-presidente do Banco Central e presidente do Conselho de Administração da BM&FBOVESPA. A Gávea se associou ao empresário Fernando Altério e formou a T4F - Time for Fun, criada

a partir da aquisição do controle acionário da CIE International. Os números da T4F mostram que foi uma boa iniciativa: o faturamento de 2008, anunciado em maio, atingiu R\$596,5 milhões, 44% superior ao de 2007.

Na avaliação de Cobra, números animadores como esses serão cada vez mais frequentes nos investimentos em entretenimento. "Essa área ganha força como atividade econômica, se diversifica e com isso atrai cada vez mais os investidores", garante.

A Lacan Investimentos, comandada por Luiz Candiota, ex-diretor de Política Monetária do Banco Central, também vê perspectivas promissoras para a área. "Tomamos a decisão estratégica de investir em entretenimento em 2007 e desde lá temos crescido nesse segmento", revela Candiota, acrescentando: "Criamos fundos de cinema utilizando os instrumentos tradicionais do mercado de capitais. Os

resultados nos entusiasmaram e devemos fechar 2009 como os maiores administradores desses fundos no País".

O primeiro dos fundos de cinema da empresa registrado na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) foi a Lacan Downtown, que captou R\$16 milhões e investiu em três filmes: *O Divã*, que no primeiro semestre foi a segunda maior bilheteria do cinema brasileiro, com mais de 1,5 milhão de espectadores; *Tempos de Paz*, do diretor Daniel Filho; e *Salve Geral*, de Sérgio Rezende. "Os resultados foram tão bons que planejamos formar mais um fundo na área de cinema", diz o administrador da Lacan.

Para atrair mais investidores, Candiota diz que é indispensável expor as vantagens do setor. "Fomos a mais de 250 empresas mostrar a potencialidade e os benefícios de investir nessa área e a receptividade foi animadora", afirma. "O retorno tem sido positivo e assim fica mais fácil atrair novos recursos".

Os bilhões do lazer

Faturamento global - em bilhões de dólares*



* Dados estimados para 2008

Fonte: PricewaterhouseCoopers

CAPITAL E LAZER

Torna-se cada vez mais profissional a relação entre o capital e a produção de entretenimento, segundo o diretor da Lacan. Essa profissionalização, acredita, "vai se intensificar", pois há crescimento nas duas pontas: os investidores se dispõem a colocar recursos no setor "com apetite pelo risco" e a produção de teatro e cinema está cada vez mais sofisticada.

Previsão semelhante é feita por Joyce Ajuz, professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), do Rio de Janeiro. Ela é a


responsável pela primeira turma de administradores especializados em entretenimento, formados em 2008 e assegura: "Entretenimento é, cada vez mais, visto como um negócio que ganha peso econômico. Por isso, há grandes investimentos de corporações nesse setor".

Também no entretenimento, portanto, a preparação dos gestores ajudará a atrair capitais, como enfatiza Joyce: "No Exterior, já há tradição de formação desses profissionais, como acontece na Disney Corporation. Precisamos acelerar, no Brasil, a formação desses gestores até por exigência dos investidores, que estão atentos às oportunidades de retorno trazidas por espetáculos, televisão, música, entretenimento digital e esporte".

O Brasil, constatou estudo da consultoria A.T. Kearney, feito para o Ministério da Educação e Cultura, ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de mercados potenciais para turismo e entretenimento, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. "Por isso, somos um polo de atração para os investimentos", enfatiza a professora da ESPM.

O EMPURRÃO DO BNDES

A maior demanda de aplicadores por projetos no setor também é enfatizada por Luciane Gorgulho, chefe do Departamento de Cultura, Entretenimento e Turismo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). "Este ano, a consulta por investimentos nessa área voltou a ser forte", informa. "A procura é principalmente de bancos de investimento e corretoras, que focam nos fundos de apoio ao cinema (Funcines)". O interesse é estimulado por um benefício fiscal: as empresas tributadas pelo sistema de lucro real podem destinar a investimentos em entretenimento até



Cinema nacional e seus sucessos de público, entre eles, *O Divã*, que no primeiro semestre foi a segunda maior bilheteria, com mais de 1,5 milhão de espectadores

3% do Imposto de Renda devido - e o benefício é de 6%, no caso de pessoas físicas.

Os fundos de apoio, lembra Luciane, permitem a diluição do risco, pois aplicam num portfólio diversificado de projetos: filmes, direitos de comercialização e fatias do capital de empresas do setor, incluindo produtoras e distribuidoras. "A gestora Rio Bravo, por exemplo, tem fundos que investiram em 11 filmes e em uma distribuidora".

Segundo a especialista do BNDES, os Funcines são fundos de renda variável, que têm mostrado retorno atraente: "Os investidores estão despertando para as perspectivas de retorno trazidas pela área. Ainda há enorme espaço a se ocupar no segmento, como a área de conteúdo de novas mídias". Não se trata, acrescenta, "de investir apenas na imagem da empresa, em iniciativas de marketing. Ganha força o aporte em entretenimento como opção de retorno elevado para os recursos aplicados". O BNDES, diz Luciana, acredita na área como investimento, e não exclusivamente como opção de patrocínio para reforçar a imagem: "O banco tem mais de R\$1 bilhão investido em fundos e aposta nesse segmento,

que ganha força também na governança, já que os projetos da área de entretenimento têm crescente preocupação com transparência." Os Funcines são regulamentados pela CVM.

DE PARQUE AO FUTEBOL

Estudo da PricewaterhouseCoopers estimou o crescimento do setor num período de cinco anos (2007-2011), mostrando um grande potencial de atração de investimentos. A indústria cinematográfica faturou US\$88 bilhões em 2008 e deverá crescer, em média, 4,9% no período, no mundo; os parques de diversão, US\$25 bilhões e 4,6%, respectivamente; e os esportes, US\$109 bilhões e 5,2%.

No Brasil, o segmento de parques de diversão confirma a tendência positiva. Neste ano, calcula o diretor da Adibra, Fernando Souza, o faturamento dos grandes parques deve ficar entre R\$800 milhões e R\$1 bilhão. "Não vamos repetir o crescimento de 2008, de 10% a 15%, mas não teremos retração, mesmo com a crise", assinala. "Os parques maiores, como Hopi Hari, devem girar em torno de R\$100 milhões. Esse grupo de empreendimentos de

De olho no lazer

Preferência dos brasileiros



*Compras de brinquedos, jogos e apostas

Fonte: Latin Panel

maior porte, que inclui Beto Carreiro World, Parque da Mônica e Beach Park, em Fortaleza, dentre outros, têm custos elevados, principalmente com a importação de equipamentos, mas mesmo assim terá um ano positivo".

Segundo Souza, que é diretor do Parque da Mônica, de 15 a 20 milhões de pessoas freqüentam os parques de diversão do País a cada ano. "É um número expressivo, mas o potencial é enorme, porque esse contingente representa apenas 10% da população", recorda. "Nos Estados Unidos, o total é equivalente a toda a população do país, na casa de 300 milhões de pessoas. De olho no potencial do Brasil, os investidores estão de volta ao setor, depois de experiências nem sempre bem-sucedidas na década de 1990, quando uma onda de aplicadores apostou nos parques de diversão e teve perdas". Passado o momento delicado, os fundos de pensão e de investimento voltaram a buscar oportunidades no setor, garante, depois de registrar prejuízos em projetos que exigiram aportes elevados, como o Hopi Hari, em São Paulo, e o Terra Encantada, no

Rio. "O País passou por seguidas crises econômicas depois da onda de aportes e, além disso, pesou a inexperiência dos fundos em relação ao setor", diz o diretor da Adibra. "Agora, o quadro é muito mais favorável".

Com a crise global, minguaram as transferências milionárias de jogadores de futebol. Mas o cenário voltou a se mostrar animador para os investidores no segmento de esportes, depois das aquisições do clube espanhol Real Madrid, que comprou Kaká, do Milan e Cristiano Ronaldo, do Manchester United, pagando o equivalente, em euros, a R\$180 milhões e a R\$255 milhões, respectivamente. As aquisições animaram as companhias especializadas nessa modalidade de investimento. Em 2008, as empresas brasileiras que aplicam no setor, caso da Traffic e do grupo varejista Sonda, investiram cerca de R\$100 milhões na compra de jogadores de futebol, obtendo retorno de até 2.000% - caso da transferência do zagueiro Breno, do

São Paulo, para o Bayern de Munique, na Alemanha. No primeiro semestre de 2007, o Sonda tinha comprado 30% desses direitos por US\$250 mil e os vendeu ao Bayern por US\$5,7 milhões menos de seis meses mais tarde. Esse tipo de negócio sumiu depois da crise mundial, notou Júlio Casares, diretor de marketing do São Paulo Futebol Clube. Daí a importância das aquisições de Kaká e Cristiano Ronaldo. Agora, a Traffic tem esperança de que as transações tenham efeito cascata, permitindo que os clubes vendedores destinem parte do dinheiro recebido à compra de jogadores mais baratos. Voltam, com as transações, as expectativas de retorno do investimento em jogadores. Um fundo de investimento formado pela Traffic captou R\$40 milhões, no ano passado, para comprar os direitos de 37 jogadores - 13 deles jogam no Palmeiras, com o qual a empresa tem uma parceria que rendeu ao clube, até meados deste ano, 2,5 milhões de euros.

Os investimentos em futebol atraíram também o Pão de Açúcar, que tem um time do mesmo nome há 15 anos. O clube passou à 2ª Divisão do Campeonato Paulista em junho e deu mais um passo para alcançar seu objetivo: chegar à 1ª Divisão, quando o investimento deverá começar a dar retorno, com a venda de jogadores e a comercialização dos direitos de transmissão dos jogos pela TV.

NA ROTA INTERNACIONAL

Com investimentos bem-sucedidos em entretenimento, o Brasil começa a entrar na rota internacional dos grandes espetáculos. Os resultados propiciados pela chegada de atrações internacionais ao País crescem em ritmo acelerado: em cinco anos (de 2004 a 2008) a receita proveniente da venda de ingressos desses shows

1 O cenário voltou a se mostrar animador para os investidores no segmento de esportes, depois das aquisições do clube espanhol Real Madrid, que comprou Kaká, do Milan e Cristiano Ronaldo, do Manchester United 2 No ano passado, a turnê do Cirque du Soleil, promovida pela T4F, incluiu Santiago do Chile e Buenos Aires. A expansão ocorre também no mercado interno - em 2009, o Cirque du Soleil irá a três cidades do Nordeste

passou de R\$12 milhões para R\$78,7 milhões, segundo o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad). Além disso, o País já ensaia uma ampliação de sua participação no mercado externo, principalmente em espetáculos teatrais. No ano passado, a turnê do Cirque du Soleil, promovida pela T4F, incluiu Santiago do Chile e Buenos Aires. A expansão ocorre também no mercado interno - em 2009, o Cirque du Soleil irá a três cidades do Nordeste.

Confirma-se, assim, a tendência mostrada na pesquisa da Latin Panel. Os gastos com lazer são generalizados, distribuindo-se entre as classes A, B, C, D e E. Segundo o levantamento, consumidores das classes A e B gastam, em média, R\$150,00 por ano com entretenimento, contra R\$77,00 das classes D e E, e R\$76,00, da classe C.

"O setor de entretenimento está crescendo em todas as direções no País", afirma Cobra. "Caravanas de pessoas viajam de cidades do interior de São Paulo para assistir a espetáculos teatrais como *A Noviça Rebelde*, por exemplo. O mercado está aberto e os investidores estão cada vez mais presentes para aproveitar as crescentes oportunidades que se abrem nesse setor".

THEO CARNIER É JORNALISTA ECONÔMICO E SECRETÁRIO DE REDAÇÃO DO JORNAL DO

